Crítica // Memórias de um esclerosado ★★★★

Uma estrada assertiva

Ricardo Daehn

Filmes sobre dificuldades físicas e ou mentais costumam, na ficção, render espetaculosos e tour de force de atores profissionais ciosos de seus processos de controle e domínio cênico. Mas, e a contramão disso, como seria? Num filme documental, no qual o astro coincide com o criador (no caso, Rafael Corrêa), o vínculo absoluto de identidade com o espectador, vem da natural façanha de Corrêa, um carismático protagonista afetado por doença neurológica crônica e autoimune. Quem for na sessão de hoje (no Cine Brasília) terá o privilégio do contato com o codiretor gaúcho de Memórias de um esclerosado, presente para um debate. Inicialmente, no filme, ele lembra das mãos com movimentos limitados e, paulatinamente, a fisicalidade rija.

Vencedor dos prêmios de roteiro, montagem, desenho de som e trilha musical no 52º Festival de Cinema de Gramado, o longa (cocriado por Thais Fernandes) ainda foi consagrado 28º Cine PE. Criador de cartuns que circularam na imprensa e outros vencedores de prêmios no exterior, Rafael Corrêa, responsável pelo personagem Artur, o arteiro, vincula eventos da vida a castigo e punição. Mas, a fase deprê não dura.

Sem nunca se autocomiserar, Rafael preza uma convivência colorida junto ao público. Com palavreado popular, honesto e direto, ele combina com a agilidade no uso da linguagem que adapta a tirinhas, seu passado, muitas vezes impreciso. Uma libertação pulsa na trama, rascunhada inicialmente como atrelada a karma, mas enfocada, com menos superficialidade, como destino coerente com a fortaleza que o diretor revela. Naturalmente, brota o final poético e esperançoso.

ATELIER W PRODUÇÕES CINEMATOGRÁFICAS

Premiado doc 'Memórias de um Esclerosado' estreia nos cinemas

Crítica // Entre dois mundos ★★★

Caminho perigoso

Ao lado da ex-esposa Hélène Devynck, o escritor e cineasta Emmanuel Carrère adaptou parte do trabalho de campo da jornalista (na vida real) Florence Aubenas, criadora da obra Le quai de ouistreham. No papel de Marianne (uma recriação da persona de Aubenas), a intérprete Juliette Binoche, indicada ao César de melhor atriz, refez um caminho perigoso de uma mulher que muito bem poderia ser acusada de falsidade ideológica.

Em Caen, norte da França, Marianne começa vida nova. Entre farta distribuição de currículos, e uma assustadora realidade de desemprego, ela abaralha a primeira oportunidade de trabalho. Junto ao candidato a namoro Cédric (Didier Pupin), ela busca (como autora de livro infiltrada e oculta na sociedade) especular em torno das dificuldades para empregados dedicados a equipes de limpeza.

Num registro muito menos surpreendente do que o do longa A criada (2010), Entre dois mundos aposta no realístico e duro registro de maratonas pela vida: numa balsa, ao lado de Chrystèle (a sensível Hélène Lambert), a ingênua Marilou (Léa Carne) e da chefe (interpretada por Évellyne Porée), tentará tornar-se invisível e caprichar nas anotações em tom de denúncia. Entre a profissão e convívio saudável com pessoa que efetivamente admira, chega o desafio.

PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO

Filme Entre dois mundos